

# DIRETOR DA FMUSP NA POSSE DO CAOC-66 !

Prestigiada com a presença do sr. Diretor e de Professores de nossa Faculdade, além de outras autoridades, realizou-se a posse solene da Diretoria de 1966 do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

O flagrante ao lado fixa o momento em que o prof. dr. João Alves Meira, Diretor da FMUSP, entregava o diploma de "burro" a um dos novos colegas do 1.º ano.

Esta foi a parte mais alegre da solenidade séria em que foi empossada a nova Diretoria, que teve ainda a brilhante palestra do prof. Alípio Correia Neto sobre "Universidade e Responsabilidade Social".

Leia os detalhes e trechos dos discursos na página 7.



## PROF. EDUARDO MARCONDES, CATEDRÁTICO DE PEDIATRIA

Por ocasião de sua posse, o prof. Eduardo Marcondes pronunciou um importante discurso em que definiu as diretrizes de sua atuação à frente da Cátedra de Pediatria e Puericultura: Valorização da Pediatria Social; incentivo à Pesquisa; luta pela transferência da Faculdade para a Cidade Universitária; construção do edifício da Clínica Pediátrica e contribuição para maior integração entre os corpos discente e docente da nossa Escola.

Em razão da atualidade dos temas tratados, publicamos alguns trechos do citado discurso na página 6.

## PASSEATAS PEDEM LIBERDADE!

Os estudantes paulistas, repetindo os colegas de Minas Gerais, Guanabara, Paraná, Paraíba, saíram às ruas em repúdio às agressões contra estudantes mineiros, protestando contra a opressão e pedindo liberdade.

(Leia na última página).



## CAOC TRABALHOU NA SEMANA SANTA

Leia na pág. 5



# JUSTIÇA PARA OS PROFESSORES!

# EDITORIAL LIBERDADE,

## A LUTA DE TODOS

A função de um Centro Acadêmico dentro de uma Faculdade, não é apenas a de proporcionar divertimentos ou "relax" para os alunos, mas a de colocá-los perante os problemas do meio em que vivem e, a partir da decisão e participação de cada um, lutar pela sua resolução.

Assim, a atuação que o CA "Oswaldo Cruz" vem seguindo é baseada no princípio de que suas tomadas de posição tem de ser decididas a partir das bases, das Assembleias Gerais, onde cada estudante tem o direito de fazer uso da palavra, de perguntar e, principalmente, de ter respostas.

No caso dos incidentes de Minas Gerais, o CA procurou fornecer aos colegas todas as informações de que dispunha, viessem de onde quer que fosse. Ainda com o intuito de fornecer todas as possibilidades de esclarecimento aos colegas, o CA convidou o Presidente da União Estadual de Estudantes de Minas Gerais e o Presidente do Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal de Belo Horizonte para expor a situação no seu Estado.

Os depoimentos dos 2 companheiros de Minas foram prestados, as perguntas respondidas e,

depois disso, o assunto foi colocado em discussão. A solidariedade aos colegas espancados e o repúdio às barbaridades cometidas pela polícia foram assim aprovados.

Foi também discutida a participação oficial do CAOC na passeata que havia sido convocada pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pela União Estadual de Estudantes de São Paulo para protestar, não somente contra as violências ocorridas em Minas, mas contra toda tentativa de extinguir a liberdade no País.

Esta participação foi aprovada e consubstanciada numa proposta em que se pedia o envio de uma delegação oficial do CA à passeata.

O CAOC esteve, pois, presente.

Mas o problema de Minas, as passeatas de solidariedade e protesto realizadas em vários pontos do país, recolocam o problema da participação de estudante na discussão, encaminhamento e resolução de problemas nacionais.

Este direito e dever havia sido contestado pelo governo, ao qual certamente não interessa que a vanguarda da juventude dê seu parecer sobre problemas nacionais, e a quem interessa somente a sua própria vontade.

Mas esta demonstração de força e união do Movimento Universitário, realizada em quase todas as cidades importantes do País e contando com a participação do povo, que marchava junto com os estudantes, veio reafirmar a importância que os universitários sempre tiveram, mediante lutas autênticas como as contra o Estado Novo, a favor da Petrobrás, a favor da participação de estudantes nos órgãos colegiados das Faculdades e Universidades, a favor do aumento das vagas nas Escolas Superiores.

Agora os estudantes novamente saem às ruas pedindo Liberdade.

A consciência de cada um está clamando por ela e exigindo que se lute para conseguí-la.

O Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, que esteve presente nas manifestações e que sempre sustentou o dever dos estudantes de participar ativa e conscientemente da vida nacional, está marchando junto com o Movimento Universitário; não somente participou das manifestações de protesto mas também participa das suas consequências: coloca-se frontalmente contra a opressão e luta pela Liberdade.

## SUBVERSÃO: UM CONCEITO ÀS AVESSAS

Tendo o cuidado de consultar o Pequeno Dicionário Brasileiro, edição de 1955, pudemos colher a seguinte definição para subversão: 'Subversão, s. f.: ato ou efeito de subverter; insubordinação; revolta. Subverter, v. t.: Revolver, voltar de baixo para cima; destruir, derrubar, arruinar. submergir, revolucionar. v. r.: afundar-se'.

Transpondo esta definição (colhida, pura e límpida, na fonte) para os casos que estamos acostumados a observar ultimamente não encontramos o elo de encaixe.

Não vemos o porque se falar que no Brasil há fome, há miséria, é destruir alguma coisa. Não vemos porque falar que a nossa situação sanitária vai de mal a pior, é subversão. Não vemos porque dizer tal coisa arruina a nação; o fato é que os IPMs provam que falar assim arruina. E até condenam com base nisso. Realmente, as coisas estão mudadas!

Mas já que tudo isso é subversão, o que não é subversão agora? É dizer que o Brasil vai indo muito bem, que todos estão felizes, que a democracia reina soberana em todos os setores, que os direitos humanos são respeitados, que existe fartura de alimentos e de habitações, que a inflação está controlada, que o ensino é impecável?

Se isto é que é não ser subversivo, é preferível sê-lo. Pelo menos é uma atitude coerente, solidária com os 70 milhões (ou mais) de brasileiros que estão à espera de um regime que seja seu e não imposto, por quem quer que seja.

O Brasil vive em um mundo de subversão, nada em subversão, afoga-se em subversão, ago-

niza na subversão. E eis aqui mais subversão!

5 milhões de esquistossomóticos;

88% dos escolares de toda a nação com enteroparasitoses;

50% de chegasicos em imensas extensões de Minas, Goiás e São Paulo;

66% da população com ancilostomose;

60% de indivíduos atacados pelo bócio em regiões do leste, sul e centro oeste;

67% de casas em todo o Brasil sem nenhuma instalação sanitária;

20% de mortalidade infantil no Nordeste

(fontes: Pellon e Teixeira, 1955; IBGE; Samuel B. Pessoa: Endemias Parasitárias da Zona Rural Brasileira — 1963; Orlando Parahin: Endemias Brasileiras, 1961)

Eis a subversão à flor da terra, em cada cidade, em cada rua, em cada casa, em cada morro. Eis a subversão que mata e mutila grande parte da população. Eis a subversão perigosa, traiçoeira, sanguinolenta, dos falsos líderes.

Não é preciso ser esquerdistas para merecer o rótulo de subversivo, basta apenas ser sincero, ser realista e, antes de tudo ser BRASILEIRO. É preciso sentir na carne a dor do momento em que vivemos e não fazer julgamentos de dentro de gabinetes suntuosos, sentados em macias poltronas, alheios aos reclamos e anseios do esquecido povo brasileiro.

Ser subversivo, hoje, não é ser aquele personagem furtivo pintado pelas poderosíssimas máquinas deste regime. Ser subversivo é ser Homem, é não ser automato. Subversão é a luta contra a injustiça, a opressão, o ódio, a mentira.

### "O BISTURI"

Órgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDAÇÃO:  
Av. Dr. Arnaldo, 455  
Tel.: 52-1729 — São Paulo

DIRETOR:  
Rui Toledo Barros

DIR. RESPONSÁVEL  
José Knoplich

DIR. DE PUBLICIDADE  
Jaime César Correia Lima

TESOUREIRO  
Opônio Miguel Parra  
EQUIPE DE REDAÇÃO  
José A. Adura Miranda  
Eunofre Marques  
Juares Aranha Ricardo  
Pedro Soares Araujo

Sérgio Bueno Rocha  
Franklin A. Sayão

— oOo —

A Direção não se responsabiliza por artigos assinados.

## UNIVERSIDADE ROCOÓ

O estudante universitário constitui, sem dúvida, dentro da sociedade, uma classe com características e atitudes próprias, participando marcadamente, de um modo ou de outro, no processo da vida nacional. E dia a dia torna-se mais aguda a consciência da responsabilidade do meio estudantil perante a coletividade e, assim, uma nova expressão de luta ganha a Universidade: realizar-se autenticamente, fazendo da educação e da cultura instrumentos de luta para a resolução de problemas brasileiros.

Já na metade do século vinte, esta geração vai testemunhando acontecimentos que se somam vertiginosamente, abrindo um novo mundo à sua frente. A Ciência escreve belíssima página de técnica e ousadia rompendo o enigma dos cosmos. Os acontecimentos sociais precipitam-se em um crescer ambicioso, derrubando tabus e normas arcaicas. As letras e as artes se transformam, procurando no estilo e na estética gravar um momento novo da civilização.

No meio da realidade do século, uma estrutura permanente intocável, contemplando-se pudicamente — a Universidade Brasileira. Não foi ainda suficiente o intercâmbio com os grandes centros do mundo, não bastou o surto industrial do país, não tem pesado a opinião de autoridades educacionais de visão e gabarito. A Universidade não tem acompanhado o espírito da época e, o que é pior, em certos setores e em determinados momentos tem se atrasado no tempo, apresentando-nos, uma estrutura arcaica, ultrapassada, rocoó. Ulti-

mamente os representantes destes setores mais retrógrados, usando até mesmo da repressão policial, vem agindo contra tudo que lhes signifique mudança das estruturas feudais da Universidade, tal como ocorreu no processo de destruição da Universidade de Brasília, na perseguição aos professores, cientistas e alunos que lutavam pela Reforma Universitária.

Alguns insistem em querer ver no movimento pela Reforma Universitária apenas um "conflito de gerações". Acreditamos superficial este modo de ver as coisas. A unanimidade e a identidade com que os mesmos problemas são debatidos e apresentados em todas as partes do País por aqueles que não se acovardaram, mostram haver alguma coisa errada na atual estrutura universitária.

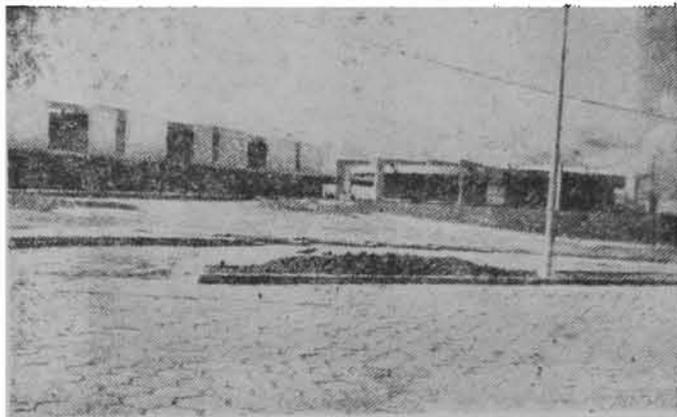
Em nome da tradição não se pode admitir o atraso intelectual o obscurantismo, a dogmatização de princípios. A tradição há de ser louvada para servir de exemplo, estimular as gerações em busca de outros caminhos, outras fórmulas, outras perspectivas.

Torna-se necessário discutir ampla, sincera e honestamente tais problemas, a fim de que não haja fugas às responsabilidades e consequentes crises.

UNE, UEE, DCEs, CAS devem novamente levantar as discussões sobre a Reforma Universitária, conclamando a todos, mestres e alunos, a um estudo sério de crítica e contribuição à Universidade brasileira, considerada não em termos abstratos, mas comprometida com as necessidades concretas do povo brasileiro.

MEDICINA NA C. UNIVERSITÁRIA:

## NOVAS PERSPECTIVAS !



A nossa Escola agora também está na Cidade Universitária. O significado real desta presença vai bem além do que à primeira vista possa parecer, isto é, a situação do Departamento de Bioquímica no Conjunto das Químicas representa não apenas uma integração física, mas prenuncia uma real integração em um espírito de Universidade.

A mudança da Faculdade para a Cidade Univer-

sitária, já aprovada pela Congregação, é um imperativo para o progresso da Casa de Arnaldo. Vai longe o tempo do tão decantado padrão "A" de ensino médico e, sob uma análise que não seja tão laudatória e saudosista como as costumeiras, fica patente que esta é uma Escola decedente em vários aspectos, tema que voltaremos a abordar em outros artigos.

A Cidade Universitária

é uma das tábuas de salvação para a renovação do ensino e para o desenvolvimento da pesquisa, em toda a USP. A vivência que o local permite, associada ao ambiente de concorrência científica, onde quem não produz e não progride, não tem lugar reservado ao sol, serão os fatores desencadeantes das reformas que terão lugar na estrutura da própria Universidade.

É por isto que as resistências à mudança foram tão intransigentes; não podemos, entretanto, permitir que manobras políticas, ressentimentos pessoais e o conservadorismo sejam obstáculos à conquista da real posição de vanguarda que nossa Faculdade merece no cenário científico. A presença da FMUSP na Cidade Universitária abre novas perspectivas para uma educação médica à altura das necessidades da nação.

### CURSOS DO D. C.

#### ORIENTAÇÃO AO HOSPITAL

Sob o patrocínio do Departamento Científico do C.A.O.C. será realizado ainda neste semestre o Curso Básico de Orientação ao Hospital, destinado palpitante aos alunos dos primeiros anos do Curso Médico. Serão ministradas aulas sobre os seguintes temas: Medicina Preventiva; Relação Médico-Paciente; Princípios Gerais em Cirurgia — 1 Antisepsia Médica e Cirúrgica e II Técnica Cirúrgica; O Queimado: Profilaxia e Primeiros Socorros; Princípios Gerais em Ortopedia: Primeiros Socorros; Parada Cardíaca e Respiratória. Informações e inscrições no Departamento Científico do C.A.O.C. ou pelo telefone: 8-5773.

#### ÁCIDO LISÉRGICO E ESQUIZOFRENIA

Está programada para maio próximo uma série de conferências subordinadas à temática "LSD-25 e ESQUIZOFRENIA" a cargo do Dr. Clovis Martins, da Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas da F.M.U.S.P. As conferências se subordinarão aos seguintes temas: 1) Ácido lisérgico — Percepção do Espaço e Percepção do Tempo 2) Ácido Lisérgico e a Concepção do Mundo. 3) Ácido Lisérgico e Psicoterapia. 4) O Mundo do Esquizofrênico. Nesta última haverá projeção do filme O MUNDO DO ESQUIZOFRÊNICO. Informações e inscrições no Departamento Científico do C.A.O.C. ou pelo telefone 8-5773.

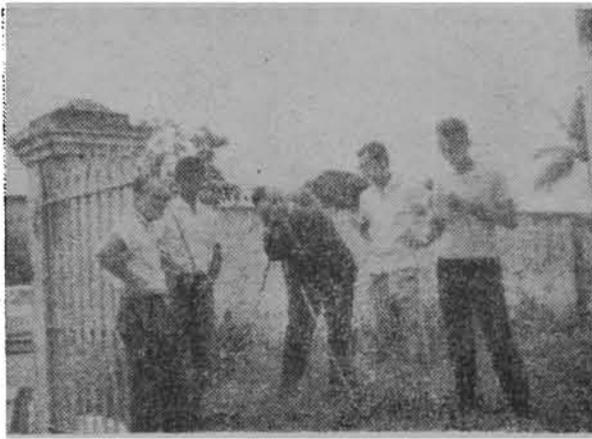
**Paralon**  
ANALGÉSICO + RELAXANTE MUSCULAR  
QUANDO SE DESEJAR TAMBÉM A  
AÇÃO ANTI-FLOGÍSTICA:  
**Paralon**  
COM DEXAMETASONA  
Johnson & Johnson  
DIVISÃO FARMACÉUTICA

# VII BANDEIRA CIENTIFICA

Sergio Rocha

Realizou-se em fins de janeiro e meados de fevereiro do corrente ano a VII Bandeira Científica. Trata-se de mais uma edição das Bandeiras que são viagens efetuadas nas férias sob o patrocínio do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" e dos Departamentos de Parasitologia e Micrubiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Suas finalidades são a de complementar os cursos daquelas cadeiras através de trabalhos que sirvam para o treinamento dos estudantes em serviços de campo, para iniciá-los em pesquisas relacionadas com a prevalência e a transmissão de endemias rurais do nosso país, associando-se também uma visualização dos problemas médico-sociais e contacto com a vida universitária da região.

Elaborou-se um itinerário durante o qual foi possível acompanhar o aspecto socio econômico das regiões visitadas, bem como entrar em contacto com o maior numero possível de Faculdades de Medicina, situadas em Estados ao norte do nosso. Assim foram visitadas as Faculdades de Medicina de Belo Horizonte, Ouro Preto, Salvador, Aracajú, Macaíó, Recife e João Pessoa. Nessas oportunidades procurou-se debater os métodos de ensino adotados, vida universitária e setor de pesquisas. Procurou-se desta forma, reforçar os apêlos do orientador da caravana, professor Claudio Ferreira dos Santos, qual seja o da necessidade de um maior intercambio entre os professores brasileiros, a fim de que a Medicina Brasileira não cresça em locais isolados, mas sim em um todo.



Sendo o Estado de Pernambuco, uma região de alta endemicidade, pôde-se colher dados importantes sobre a esquistossomose. Em visitas realizadas ao "Instituto Aggeu Magalhães" e "Instituto de Higiene de Recife" foi possível observar o andamento de pesquisas extremamente importantes sobre a transmissão da endemia em condições naturais, o papel dos animais silvestres, especialmente roedores, na manutenção dos focos, a "cultura" dos caramujos transmissores. Também tivemos oportunidade de receber aulas teórico-práticas por parte dos professores que trabalham nos citados Institutos e travar debates com os mesmos sobre problemas relacionados com a profilaxia.

Contando-se sempre com o apoio do DCE local e da Universidade de Recife, que colocou em disponibilidade um ônibus efetuaram-se várias visitas à localidade de Pontezinha, onde foram permitidos conhecer detalhes sobre um vasto plano de estudos sobre a profilaxia da esquistossomíase mansônica em uma comunidade pequena, contando-se com a colaboração de médicos, nutricionistas, assistentes sociais e líderes locais, obtendo-se uma soma de in-

formações que permitirão aos pesquisadores estabelecer um programa futuro em maior escala.

Foram também observados trabalhos feitos com relação à filariose, pois Recife ao lado de Belém constituem os dois maiores focos endêmicos de filariose do Brasil. Constatou-se a existência de filariose mesmo no interior do perímetro urbano em índice relativamente alto, inclusive sua existência em bairros residenciais! Alguns membros da Bandeira, utilizando veículos do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu), acompanhados por funcionários do referido órgão, percorreram bairros periféricos de Recife colhendo sangue de portadores da microfilária e podendo com isso tomar consciência das dimensões do problema local. Tal coleta visou principalmente auxiliar trabalhos que o dr. Mario Camargo, do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, vem desenvolvendo sobre a verminose.

Finalmente a observação das condições médico-socio-econômicas prevalentes nas regiões visitadas, incluindo-se a zona do sertão nordestino (viagem de retorno) permitiu formar um quadro mais completo dos problemas das en-

demias parasitárias em nosso país e uma parcial complementação do curso médico. Chama-se atenção à definição de Saúde, por parte da Organização Mundial de Saúde: "é o perfeito bem estar físico, psíquico e social", vendo-se aí o grande benefício que a Bandeira Científica proporciona a seus integrantes, mesmo porque, segundo os modernos conceitos de ensino os estudantes de medicina devem possuir também amplos conhecimentos sobre psicologia e sociologia para poderem atuar mais objetivamente.

Informamos também que o Departamento de Parasitologia, da FMUSP, deverá marcar para fins de abril, a data oficial da apresentação do relatório, sendo nesta oportunidade exibidos todos dados estatísticos colhidos, a série de "slides" ilustrando a narração sobre as atividades desenvolvidas e a reportagem filmada que foi trazida e já está pronta. Nesta oportunidade será convidada a APM, médicos e pesquisadores do IMTSP e professores e alunos da FMUSP.

## FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UNEM

O movimento universitário tem suas posições sistematizadas pelas entidades estudantis, através das quais o estudante influi, de maneira mais objetiva e coordenada, na vida política do País. Essa atuação política não exclui a preocupação na formação profissional, a luta pelo aperfeiçoamento do ensino, sua adequação à realidade brasileira. Dá ao estudante a dimensão política de sua função como profissional deste ou daquele campo de atuação.

Atualmente, diante da dura realidade em que nos encontramos, não se pode entender um estudante desenvolvendo atividades independentes, desintegradas, alheias aos desafios da realidade nacional. Ele é chamado a agir, conscientemente, na integração e expansão de seu país.

A instalação de um processo através do qual se pudesse desenvolver este tipo de trabalho deu ensejo à criação das Executivas Nacionais especializadas, coordenadas pela União Nacional de Estudantes.

As Executivas Nacionais (de Medicina, de Engenharia, de Ciências Econômicas, de Ciências Sociais,

etc) apresentam-se dentro de uma perspectiva de sistematização da luta pela Reforma Universitária através da generalização dos problemas de cada Faculdade, integrando-os em um contexto global. Procuram também promover o aperfeiçoamento profissional, realizando estudos dentro dos campos específicos de cada uma.

A NOSSA EXECUTIVA:  
UNEM

A União Nacional de Estudantes de Medicina foi reestruturada no seu último congresso, realizado em outubro de 1965, em Ribeirão Preto. A atual diretoria nacional está sediada em Belo Horizonte, havendo em cada região um subsecretário coordenador. Para este ano, a subsecretaria regional de São Paulo (sede em Ribeirão Preto) está organizando o I Encontro Estadual de Estudantes de Medicina, que terá a participação dos 7 Centros Acadêmicos de Medicina de São Paulo. Neste encontro serão abordados problemas referentes à reforma do ensino médico, criação de novas faculdades, interiorização da Medicina e outros.



7 DE ABRIL

DIA MUNDIAL DA SAÚDE

Na passagem desta data, o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" congratula-se com a Organização Mundial da Saúde pelo que tem realizado em benefício do bem estar da humanidade.

## ENTREVISTA: MOVIMENTO UNIVERSITARIO A ATUAÇÃO DO DCE-LIVRE

O nosso entrevistado deste mês é o colega Antonio Carlos Egypto, vice-presidente de assuntos culturais do Diretório Central de Estudantes (DCE-livre) da Universidade de São Paulo.

Pretendemos através destes encontros com dirigentes de entidades estudantis, focalizar os mais variados problemas relacionados com o ensino e com as atividades universitárias em geral.

P — Quais as dificuldades básicas que se notam, a ser ver, na estrutura da Universidade?

R — Uma primeira e grave constatação da realidade na USP — e na universidade brasileira em geral — é a inexistência de um espírito universitário. O que observamos, via de regra, é uma visão estreitamente relacionada a cada faculdade, cada qual vivendo a sua realidade própria, distante do fenômeno global da Universidade. Este divórcio entre as diferentes escolas, esta visão truncada da Universidade, tem criado enormes dificuldades para a realização de um trabalho em equipe, de um trabalho conjugado, e dificulta também a nossa luta comum no encaminhamento e resolução de problemas nacionais.

P — Quais as origens destes defeitos?

R — Entre outras, o próprio ensino, que é ministrado em nossas escolas superiores, tende a criar profissionais muito especializados, homens parciais, com uma visão estreita e limitada das exigências sociais profundas desse papel profissional. Distâncias e barreiras se antepõem em nosso caminho, quer pelos "donos" do ensino no Brasil — que insistem em manter e defender uma estrutura arcaica de universidade, que é o reflexo de uma estrutura social alienante e alienada — quer pela "tradição" criada, inclusive pelos alunos, em cada escola.

P — Quais seriam as linhas mestras do Movimento Universitário para a superação destes problemas?

R — Na medida em que adquirimos consciência nítida destes fatos, na medida em que encontramos condições adversas e temos visíveis o porque de

sua existência, o que nos resta é lutar para criar as condições que nos possibilitem, através de uma luta concreta, atingir esse espírito universitário a que aspiramos.

E, a esta altura, já deve ter ficado claro que nós temos fundamentalmente 2 frentes de luta: a primeira, contra nós mesmos, que nos deixamos levar por mesquinhos condicionamentos ligados à "tradição" da escola. Precisamos fulminar as posições exclusivistas para podermos alcançar a união. A segunda frente de luta é essencial: a luta pela reformulação das estruturas sociais, numa busca de justiça e liberdade, onde então também uma universidade nova possa substituir os já tão conhecidos arcaísmos estruturais da universidade no Brasil.

P — Qual a linha de atuação do DCE livre nesse sentido?

R — O Diretório Central de Estudantes — DCE livre — da USP se propõe a organizar essa luta, ao lado de todos os universitários paulistas. Por isso, o seu trabalho político e administrativo se volta principalmente no sentido da criação de um verdadeiro espírito universitário. E assim fazendo, nada mais faz do que cumprir diretamente a finalidade da sua existência, já que o seu âmbito de atuação é especificamente o da universidade e não o das escolas isoladas. Isto tudo vai explicar o PORQUE de certas promoções a serem realizadas, ou já em andamento, e sobretudo, a FORMA de realizá-las. Uma ação unida e integrada, voltada diretamente para cada universitário, num trabalho de equipe, eis a tônica fundamental da nossa atuação.

P — Como está sendo organizado o BichUSP-66?

R — O BichUSP-66 é o show do "calouro" da USP, onde o "bicho" é o alvo das atenções do público, ou seja, o que trabalha no palco e que pode inclusive produzir os textos que serão apresentados no show. Mas antes de ser um show de calouros o BichUSP é um trabalho de equipe, e este ano está sendo estruturado e organizado no sentido de elevar ao máximo esse espírito de equipe. Uma

das facetas do BichUSP-66 é a eliminação dos quadros por escola; todos os calouros participarão do espetáculo trabalhando, ensaiando e representando em conjunto, sem a preocupação da escola a que pertença.

P — Quais as outras atividades do DCE-livre no âmbito cultural?

R — Além do BichUSP-66, que já está em pleno andamento e que será apresentado na primeira quinzena de maio, prepara-se também para os calouros um ciclo de conferências denominado "Introdução à Universidade", onde se tratarão dos grandes problemas da universidade brasileira (e em particular, a USP), dentro daquele mesmo esforço de equacionamento do problema do espírito universitário e da superação dos obstáculos à sua conquista. Esse ciclo de conferências contará com a presença de renomados professores da USP, além de outros nomes de projeção nacional. Todas estas promoções serão realizadas no período abril-maio. Desde já contamos com a participação ativa dos calouros da Medicina USP em tais promoções. Quanto a datas, horários e detalhes mais precisos, o CAOC os divulgará brevemente.

Mas além das promoções acima, dedicadas sobretudo aos calouros, o DCE-livre apoiará, dentro do mesmo conceito de trabalho, o TUSP — Teatro da Universidade de São Paulo — a expressão mais patente desse espírito universitário; feira de livros ambulante, percorrendo todos os CAs da USP — Capital e Interior; DCE volante levando shows populares; e ainda se pretende criar um núcleo de produção de filmes na USP, bem como ciclos de cinema ainda este ano. Porém, há muito mais, pois praticamente só focalizamos as atividades culturais.

Enfim, é para a tarefa de um trabalho conjugado, de um sentido universitário de atuação em todos os campos, que o DCE-livre da USP conta com o entusiástico apoio de todos, pois sem ele nada disso poderá ser realidade.

## DPMS ATIVIDADES



Durante os últimos feriados da Semana Santa o Departamento de Pesquisas Médico-Sociais do CAOC, TOLEDO — Foi realizado um trabalho junto com o MOVE (Movimento de Educação) que consistiu na aplicação de testes de sensibilização para tuberculose, vacinação, educação sanitária, ao lado do prosseguimento da campanha de alfabetização e educação de base.

ROSEIRA — durante o período de 7 a 11 de setembro de 1965 o D.P.M.S. iniciou um levantamento epidemiológico sobre esquistossomose. O trabalho constou de verificação da incidência da moléstia na população rural e urbana, bem como o estudo dos fatores geográfico, econômico social e cultural que possibilitam a instalação e perpetuação da parasitose na região. A pesquisa teve continuidade durante a Semana Santa, quando nova etapa de trabalho foi cumprida;

PARIQUERA-AÇU — Realizou-se um levantamento de incidência de determinadas moléstias locais, sob orienta-

ção da equipe médica do Hospital Regional;

ITARIRI e PEDRO DE TOLEDO — Foi realizado um trabalho junto com o MOVE (Movimento de Educação) que consistiu na aplicação de testes de sensibilização para tuberculose, vacinação, educação sanitária, ao lado do prosseguimento da campanha de alfabetização e educação de base.

Próximamente os resultados serão debatidos e publicados em todos os seus detalhes.

### OUTRAS ATIVIDADES

CICLO DE CONFERÊNCIAS — O D.P.M.S., em colaboração com o Departamento Cultural e Centro de Debates, fará realizar uma série de dez conferências sobre Realidade Médico-Sanitária Brasileira. Este ciclo de palestras abordará principalmente a incidência de endemias e sua relação com a estrutura geográfica, social, cultural e econômica das diversas regiões.



Sedavier  
Tranquilizante  
Relaxante muscular  
Meprobamato  
Adulto 400 mg p/ comprimido

Sedavier Antidistônico  
Distonias neuro-vegetativas  
Meprobamato  
Metil-brometo de homatropina  
Tartarato de ergolamina

Prociex

# "ARRANQUEMOS O BRASIL DO COLONIALISMO CIENTIFICO"

No último dia 30 de Março, em sessão solene da Congregação da FMUSP o professor Eduardo Marcondes tomou posse na cátedra de Pediatria e Puericultura de nossa Faculdade, sendo saudado na ocasião pelo prof. Alberto Carvalho da Silva. Transcrevemos a seguir trechos da alocação do prof. Marcondes que se revestem da maior importância pelos conceitos emitidos sobre ensino universitário, formação do Pediatra e assistência à criança.

"Ao assumir em caráter efetivo a regência da Cátedra de Pediatria e Puericultura da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo integro-me, de modo permanente, em sua Egrégia Congregação. Tendo participado de seus trabalhos, conheci mais de perto seus padrões de capacidade e aprendi a respeitá-la como órgão de aperfeiçoamento da sociedade. A cada um de seus componentes apresento as expressões de meu reconhecimento pela maneira com que me prodigalizou os benefícios de sua estima. Sou particularmente grato pelas expressões com que me saudou o Prof. Alberto Carvalho da Silva. As altas qualidades universitárias de seu privilegiado espírito dão às suas lísongeiras expressões o valor de uma exortação de bem servir a Faculdade, o sentido de uma advertência para manter sempre vivo o espírito de perfeição. Pode S. Excia. ficar certo de que, na medida do possível, não o deixarei arrependido pela confiança

des de nosso grau de desenvolvimento, constituindo parcela de grande vulto demográfico. Daí a obrigação da classe pediátrica de acorrer, em nível estatal, em auxílio à criança, obrigação ainda maior da Cátedra, organismo universitário que é, e portanto de liderança. Assim, ao lado dos cuidados com a Pediatria Social, estudando os problemas sociais mais importantes que afligem a infância brasileira e batendo às portas dos poderes estatais como colaboradores. A criança é patrimônio da nação e como tal deve receber interesse, estudo, amparo e carinho. No campo social haveremos de atuar com o mais profundo espírito público, aceitando os sacrifícios que tal atitude acarreta, pois o cuidar da coisa pública é o descuidar de si mesmo. Ao Pediatra, que forma na linha de frente na proteção da criança e da família, cabe preocupar-se com a nutrição, educação, recreação, ambiente físico salubre para

gem, pois já deram mostra de sua capacidade de trabalho e de sua maturidade intelectual e social no problema do desfalecimento. Essa orientação é importante, pois cada acadêmico poderá vir a ser um Pediatra; mas precisará ser um Pediatra novo, dono da nova mentalidade que a Doutrina lhe deu e defensor intransigente do Brasil-criança. Para tanto, um dos assistentes assumirá o pesado encargo de dirigir e coordenar toda a atuação da Cátedra no campo da Pediatria Social, com treinamento específico para o desempenho dessa função."

## UNIVERSIDADE E PESQUISA

"A Cátedra de Pediatria e Puericultura, parte integrante da Universidade, cabe também o encargo ineludível de ajudar a arrancar o Brasil do colonialismo científico. E para isso só há um remédio: investigar cientificamente, na profundidade maior que for possível, os problemas não só clínicos, mas também sociais, de nossa infância. Não moveremos o Brasil para a frente, do ponto de vista científico, se não tivermos a coragem de reconhecer

como bem próximas à saturação as possibilidades que o atual Hospital das Clínicas pode oferecer ao pesquisador. O que a Cátedra almeja é a decisão da Congregação no sentido de aceitar o desafio do progresso científico e partir para uma solução de alto nível, qual seja transferir para o Campus da Cidade Universitária os recursos atuais de pesquisa, replantá-los em solo mais fértil e lavrá-los para obter novos frutos. Ao atual Hospital das Clínicas, a magna tarefa de treinar alunos, internos e residentes, dentro de sua função assistencial. Porque, se assim não procedermos, perderemos a crista da onda da investigação em nosso país e nos afogaremos bisonhamente no remanso da rotina assistencial.

Criar uma Doutrina Pediátrica, que dê lastro à mentalidade psicossomática e social dos novos Pediatras, construir a casa própria da Cátedra de Pediatria e Puericultura e lutar pela integração da Faculdade de Medicina no Campus da Cidade Universitária, tais são meus objetivos e as causas de minha angústia, pois as jornadas prometem lidas e mais lidas."

## INTEGRAÇÃO:

### UMA ESPERANÇA

"Só relatei até agora meus problemas de índole estritamente científica. Não quero terminar sem dizer uma palavra sobre outro problema, também de grande responsabilidade. As circunstâncias colocaram-me na função que hoje assumo bem antes do tempo devido, no que se relaciona a inúmeros aspectos para cuja compreensão ainda tenho muito que viver. Por outro lado, sinto ainda e bem vivas, as lembranças, emoções e vivência de acadêmico de Medicina. Por isso me vejo agora numa "situação de encruzilhada", o sangue arterial ainda rico de enzimas, vitaminas e hormônios estudantis e o venoso, oriundo de metabolismo espiritual de quem põe no estudo das coisas do ensino o discernimento, prudência e meditação próprias das pessoas mais experientes. Dessa situação nasce a ardente esperança de bem poder contribuir para a integração em um só corpo dos corpos discentes e docentes da Faculdade, pois aluno e mestre e à Congregação pertencem."



que em mim depositou e com que tanto me honrou."

## ASPECTOS BÁSICOS

"Um dos aspectos básicos da doutrina pediátrica constituiu uma verdadeira cruzada na vida do Prof. Pedro de Alcântara: a necessidade da assistência global à criança e particularmente o estabelecimento definitivo da importância de sua vida emocional dentro da Pediatria, como Ciência e como Prática. A Seção de Higiene Mental da Clínica Pediátrica aí está a testemunhar que a luta não foi em vão. Os planos de ampliação a ela referentes tanto de área como de pessoal, garantirão a projeção necessária para que ela seja força viva na elaboração da Doutrina.

Outro aspecto básico é o social. Reconhece-se plenamente o papel transcendente do médico na comunidade e ao Pediatra toca a maior responsabilidade. Será fácil admiti-lo, ao verificarmos que a criança é totalmente dependente da Sociedade, familiar ou comunitária,

pois sua capacidade de detodas as crianças e adolescentes. Infelizmente a realidade atual é bem diferente, pois os Pediatras têm se dedicado mais aos estudos clínicos e terapêuticos, e menos às condições sanitárias, humana e sociais que provocam os problemas clínicos."

## PEDIATRIA SOCIAL

"Nos: a Doutrina se traduzirá em realidade atuante quando tivermos criado em cada Pediatra uma mentalidade também psico-pedagógica e social. Por isso nosso maior campo de ação será o estudante de Medicina, o mais suscetível ao trabalho nesse sentido. Toda a capacidade didática da Cátedra convergirá, no escasso tempo de que dispõe no currículo, para desvendar ao acadêmico de medicina os formidáveis problemas sociais da infância e formular as bases e as técnicas de vigilância da saúde corporal e mental. E pediremos a colaboração deles no estudo e resolução dos problemas que nos afligem,

pois já deram mostra de suas condições atuais levaram as nações a fundarem uma organização internacional cuja meta seria um mundo saudável — onde a saúde é definida como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença ou enfermidade" — para todos.

Assim é a organização Mundial da Saúde, que de sua sede em Genebra e dos seus seis escritórios regionais, cobre quase todo o mundo.

Além de responsável por vitais serviços internacionais como prevenção de doenças epidêmicas perigosas, a OMS ajuda a assegurar a padronização de informação e materiais referentes a todo o campo da Medicina, e age como centro de ligação e informação para médicos e pesquisadores sanitários por toda a parte. Como uma agência especializada das Nações Unidas, pode usar uma parte dos fundos de assistência técnica da ONU para consulta ou ajuda direta em muitos setores, mais particularmente entre os países menos desenvolvidos do globo. Em

uma emergência, fornece assistência imediata em um nível de alta eficiência, convocando os melhores especialistas mundiais se for necessário.

Através de sua Divisão de Informação Pública, a OMS mantém o público mundial sabedor das possibilidades que existem para a melhoria dos serviços médicos, aperfeiçoando a higiene pública e privada, tratando melhor das crianças e de outros grupos vulneráveis. Para fazer isto e ao mesmo tempo comemorar o aniversário de sua fundação, ela escolhe cada ano um tema especial para o Dia Mundial da Saúde, celebrado a 7 de abril.

Assim, da idéia primitiva, da necessidade da ação internacional contra doenças epidêmicas, nasceu a cooperação internacional que se dilata até o campo muito mais amplo do trabalho sanitário abrangido pelo mandato da OMS, de esforçar-se pela "obtenção de mais alto nível possível de saúde por todos os povos".

Mas a Organização Mundial de Saúde de hoje é mais que uma cooperativa internacional sanitária. É

um membro da grande família de organizações e agências internacionais combinadas sob a égide da própria organização das Nações Unidas, e abrangendo, de um modo ou de outro, todos os aspectos da vida no mundo atual. Nella, estão unidos quase todos os povos, tôdas as nações, credos e raças humanas, trabalhando juntos e ajudando uns aos outros como jamais acontecera na história da Humanidade.

## Psicossomática para o clínico

Inaugurando o Curso de Noções de Medicina Psicossomática Para o Clínico, foi proferida, dia 25 de março, pela Profa. Noemy da Silveira Rudolfer, com ênfase sobre "MEDICINA E PSICANALISE". Este curso está sendo realizado sob a responsabilidade e orientação do Prof. Linneu Marcos Lindardi, com uma aula semanal às sextas-feiras e terá a duração de um ano.

Informações e inscrições no Departamento Científico do CAOC ou pelo telefone 8-5773.

# Medicina para o povo

# CAOC TOMA POSSE

Sob a presidência do prof. dr. João Alves Meira, diretor da F. M. U. S. P., realizou-se no último dia 31 de Março, no Teatro da Faculdade, a solenidade de posse da nova Diretoria do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, gestão 1966, e a recepção aos colegas calouros.

Prestigiaram a cerimônia os professores Alípio Correia Neto, Alberto Carvalho da Silva e Isaias Raw, estando também presentes o dr. José Francisco Soares de Araujo, representante do Secretário da Saúde, o vereador dr. David Lerer, presidente da Comissão de Saúde da Câmara Municipal de São Paulo, os colegas José Fidelis e Altino Dantas, representantes da UNE, Antonio Funari Filho, presidente da UEE, Takero Sato, presidente do DCE-livre da USP, além de outros dirigentes de Centros Acadêmicos de São Paulo.

..Após a abertura da sessão, feita pelo prof. Meira, falaram os colegas Pedro Luiz Tauil e Rubens Lara Nunes. A seguir usou da palavra o prof. Alípio Correia Neto, que discorreu sobre o tema "Universidade e Responsabilidade Social"

## DISCURSO DO EX-PRESIDENTE

"Este ano o C.A.O.C. vive a solenidade de posse de sua nova diretoria mais intensamente que em outros anos. Durante o ano de 1965 correu perigo a sua existência. Quiseram alguns usar de seus poderes ocasionais para liquidar instituições estudantis taxando-as de subversivas ou corruptas. O C.A.O.C., ameaçado de continuar a viver, reagiu contra essas forças um tanto quanto obscuristas. E o que vimos foi sim a repulsa quase unânime dos alunos desta Casa de Arnaldo ao lado de milhares de estudantes em todo Brasil, àquelas intenções de exterminar a tradição do movimento estudantil de nossa terra. E a nossa maior recompensa temos hoje aqui com a presença do Excelentíssimo Senhor Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, prestigiando a posse da nossa nova Diretoria. E isto não é sem razão, pois conseguimos reagir às injunções que nos impuseram de uma maneira bem alta com o nosso trabalho em favor dos estudantes da F.M. U.S.P. e a nossa fidelidade aos ideais de justiça.

Contra as injúrias com que tentavam intimidarnos, nos mantivemos a altura da dignidade que o movimento estudantil universitário goza no Brasil. Continuamos nosso trabalho, com mais dificuldade para obter recursos é verdade, mas com um afincado redobrado e cada vez mais conscientes de que não eramos nós os que estavam errados.

Sim meus colegas, o ano de 1965 foi um ano de perseguição para as entidades estudantis, entre elas o C.A.O.C.. Porém a verdade sobrepujou novamente. E hoje, podemos passar adiante aos novos diretores do CAOC, eleitos pela maioria esmagadora dos associados, a tradição que recebemos um ano atrás e juramos prever.

Meus novos colegas, que daqui em diante serão diplomados, vocês já puderam sentir nos poucos dias de aula na FMUSP o que é o CAOC.

PMUSP e CAOC são indissociáveis. A Faculdade promete a vocês a formação técnica e científica. O CAOC lhes oferece a formação social, esportiva, política e cultural tão necessárias ao universitário, principalmente brasileiro. A responsabilidade social da nossa profissão exige de nós uma compreensão exata da realidade social onde vamos exercer a medicina. Sem dúvida, as atividades do CAOC nos oferecem o meio para desenvolvermos nossa personalidade.

Antes de terminar, gostaria de agradecer a todos os colegas que trabalharam no CAOC no ano de 65, particularmente aos colegas de Diretoria e os responsáveis pelos Departamentos de nosso Centro Acadêmico".

Em seguida o colega Rubens Lara Nunes prestou o juramento no cargo de Presidente do CA Oswaldo Cruz, sendo todos os demais membros da Diretoria diplomados.

## DISCURSO DO PRESIDENTE

"No momento em que assumimos a direção do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", para a gestão de 1966, sentimos que sobre nós se voltam 53 anos de tradições gloriosas, de alegrias, e de tristezas, de lutas enfim que marcaram a participação do estudante de medicina na vida da comunidade."

"Isto porque o CAOC propugnou e sempre agiu em defesa dos direitos fundamentais do homem. Fastidioso seria agora enumerar as muitas oportunidades em que os estudantes da FMUSP, através do seu CAOC se voltaram para as convocações de luta nos mais diversos campos. Foi a participação em movimentos de saneamento, de aperfeiçoamento do ensino, de elevação do padrão social, cultural e político de nossa gente."

"E é neste momento que ao recordar o que fizeram aqueles que nos precederam, que nos sentimos convocados para novas e arduas batalhas.

No plano universitário, conquanto façamos parte de um dos maiores centros de formação médica de todo o mundo ainda sentimos a deficiência dessa formação em diversos setores. A Faculdade nos transmite os preparos técnicos de alto nível e oportunidade inúmeras para o avanço científico. Todavia carecemos de uma formação médica global em que não somente sejam desenvolvidos os aspectos tradicionais da medicina, mas também, os aspectos da cultura, entendida ela como um fator de aprimoramento do homem.

Entendemos que a Universidade é a instituição que, primordialmente deve estar voltada para a elevação do padrão social e cultural da comunidade em que se insere.

Não podemos mais admitir que o ensino médico continue ignorando a necessidade de se voltar para o estudo real, profundo das condições sociológicas do país, a fim de que a formação médica se faça integrada na realidade brasileira.

Necessitamos evidentemente de clínicos, cirurgiões altamente capacitados, mas também e muito de sanitaristas identificados com as necessidades do povo brasileiro, em sua mais esmagadora maioria marginalizada do progresso."

A nossa preocupação e o nosso trabalho no campo infundá-

vel das atividades médico-sanitárias, aí estão como testemunhos: por elas temos levado a nossa comunidade a conhecer "in loco" as reais condições de saúde de nossa gente, através direto contacto com os mais diversos setores de nossa população.

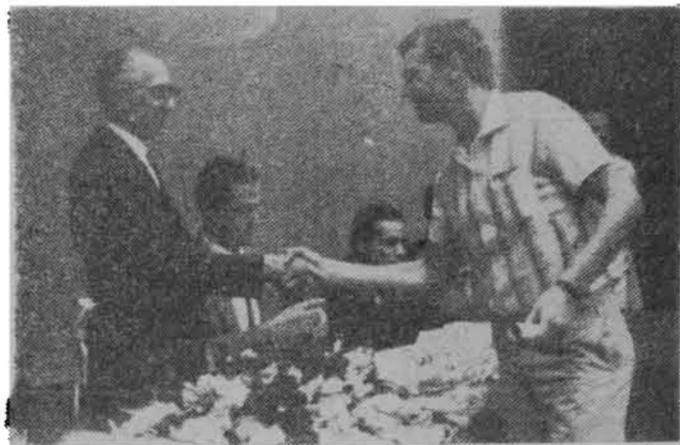
Entendemos também que, dada sua condição de indivíduo privilegiado, com acesso à cultura e à ciência, o estudante pode e deve manifestar-se politicamente, como defensor autêntico da Liberdade e da Democracia.

Queremos finalmente reafirmar nesta oportunidade nossa

certeza de que pressão alguma nos desanimará na luta pela consecução desses ideais. Ao contrário: só poderá nos dar maior vontade de lutar e vencer."

## PROF. ALÍPIO SAUDA O CAOC

Em sua palestra, o prof. Alípio Correia Neto ressaltou a importância da Universidade como instituição voltada para o interesse social da nação. A análise da origem das primeiras universidades europeias nos mostra, disse o conferencista, essa preocupação pelos problemas que afligiam o homem naquela fase histórica.



Referindo-se à atuação da comunidade universitária, o prof. Alípio exortou os corpos docente e discente a participarem ativamente e conscientemente na discussão e encaminhamento dos problemas nacionais, pois só assim a Universidade poderia cumprir integralmente sua missão social.

Para isso, aduziu, a liberdade de pensamento, o direito de associação devem ser plenamente assegurados na Universidade. Referiu-se também ao espírito renovador da juventude universitária, que classificou como esperança de ação transformadora da realidade nacional.

## DIPLOMAÇÃO DOS CALOUROS

Após a brilhante palestra do prof. Alípio Correia Neto os calouros receberam seus tradicionais diplomas de "burro", em ambiente de alegria e companheirismo. Estavam presentes a quase totalidade dos calouros, acompanhados de suas famílias.

## ENCERRAMENTO

Encerrando a sessão, o prof. João Alves Meira felicitou os novos alunos e suas famílias, pelo ingresso nesta Escola e, a seguir, congratulou-se com a nova diretoria do C. A. Oswaldo Cruz, desejando-lhe um trabalho profícuo em benefício da comunidade estudantil, alicerçado em um franco diálogo com o corpo docente, visando o progresso e a contínua elevação do conceito de nossa Faculdade de Medicina.

# EVOLUÇÃO

O eco dos passos dos estudantes que marcharam pedindo liberdade em ruas de Minas Gerais, São Paulo, Guanabara, Paraná, ainda não se perderam na distância, quando nós, que também marchamos, somos colocados perante perguntas sobre o significado real das passeatas e de suas consequências.

Alguns personagens de tendências conhecidíssimas tentaram fazer crer à opinião pública que o protesto tinha sido mais uma "estudantada", como muitas que, infelizmente, foram feitas neste Brasil. Que eram bandos minoritários de desordeiros que saíam às ruas para aparecer e acontecer e que as repercussões de tal gesto cessavam na hora da dispersão da massa.

Apesar de alguns movimentos realmente populares, como a luta contra a Ditadura Estadonovista, a campanha a favor da Petrobrás, por muito tempo o Movimento Universitário brasileiro sofreu dessa doença de "acontecer". Suas palavras de ordem falavam em povo e pouco se fazia para chegar até ele, sentir seus problemas e tentar encontrar soluções.

Quando aconteceu o golpe de 1.º de Abril, o Movimento Universitário foi aninhado de calças curtas. Surpreendido esboçou uma

defesa que não teve êxito porque aquela era uma hora em que a força bruta falava mais alto.

Logo, assim que o governo começou a tentar manietar os estudantes, estes se levantaram como um todo em defesa dos seus direitos. Começou-se, então, a tomar consciência de que o Movimento Universitário não poderia ter verdadeiras possibilidades e aspirações se estas não partissem das bases, se a luta não fosse levada por todos, em cada Centro Acadêmico e não somente nas altas esferas. Assim foi conseguida a participação do universitário na luta contra a lei suplicy, nos plebiscitos e, mais importante ainda, no boicote às eleições.

O Movimento Universitário começava a sentir a situação, a perceber lentamente que a luta dos universitários em prol de reformas e transformações sociais só seria válida se o maior interessado, o povo, dela participasse.

Vindo de uma posição romântica, o Movimento Universitário evoluiu no sentido de se encontrar com a única razão de ser de suas lutas, de se identificar com o depositário de suas esperanças, o povo.

É nesse contexto que essas demonstrações re-

centes devem ser colocadas.

É como um passo nessa lenta e penosa caminhada que o Movimento Universitário está fazendo para se encontrar e identificar com o povo, eis o que deve ser compreendido como o significado dessas passeatas.

Além disso elas não devem ser interpretadas somente como fase final de um estágio primário, mas como início, como marco de uma fase nova onde os universitários partem para um trabalho consequente de lutas em prol dos ideais de toda a população. É a liberdade que se defende com todas as energias e com todos os riscos.

As consequências dessas manifestações são muito mais profundas e importantes que uma simples análise superficial possa revelar: elas proclamam o despontar da maturidade do Movimento Universitário brasileiro, consciente da sua força e, principalmente, de seu papel histórico na transformação da nossa sociedade subdesenvolvida.

Os ecos dos passos desses estudantes que marcharam em tantos lugares serão ouvidos em outros tantos lugares e serão fortalecidos por novos passos aqui e ali, até que todos se unam em uma única gigantesca marcha, em busca do futuro.

## INDICADOR PROFISSIONAL

DR. RENATO CASTIGLIONI

CLINICA MEDICA — ELETROCARDIOGRAFIA  
Rua Almirante Brasil 181 — Fone: 93-1909  
Das 16 às 19 horas

PROF. E. J. ZERBINI

CIRURGIA TORÁCICA

Rua Itapeva, 500 - 6.o and. Tel: 37-8797 - São Paulo

DR. ANTONIO BRANCO LEFÈVRE

Livre Docente da Clínica Neurológica USP  
Rua Itapeva, 500 — 10.o andar — Tel. 33-9057

DR. NORBERTO BELLIBONI

PELE E ALERGIA

Docente pela Fac. de Med. da Univ. de São Paulo  
Consultório: Rua Flandrau, 753 — (Amb. do Hosp. Modelo)  
Horário: 15:30 às 19 horas — Tel: 32-2263

DR. ADAIL FREITAS JULIAO

ELETROENCEFALOGRAFIA

C. R. M. 3765

Rua Marconi 53 — 6.o andar — Tel: 34-8649

DR. ROLANDO A. TENUTO

Docente-livre — Neurologia — Neurocirurgia  
Rua Itapeva, 500 — 9.o andar — Tel: 36-6073  
(Marcar hora)

DR. DOMINGOS ANDREUCCI

Docente livre de Clínica Obstétrica da Faculdade de  
Medicina da Universidade de São Paulo  
Rua Xavier de Toledo, 210 — 6.o andar — conj. 61  
Tel: 34-2919 e 31-2529

## MOVE - Movimento de Educação JOSÉ CIPOLA

MOVE é um movimento que tem por fim, por ideologia, a formação completa do ser humano individual no que lhe é autêntico, original — humano.

Levando em consideração um aspecto sócio-cultural do Brasil do século XX, em que 50% da população não sequer alfabetizada, é através da alfabetização e da educação de base que este trabalho é desenvolvido.

O primeiro objetivo tem em vista o indivíduo, único, em si. Ele é estimulado a desenvolver suas potencialidades, a procurar se realizar, a encontrar a si mesmo. É a individualização. O segundo objetivo é humanizá-lo, fazendo do indivíduo único, original, autêntico, um ser humano, fazendo com que ele tenha uma visão global, uma visão humana, vendo nos outros, seres semelhantes; que ele procure desenvolver nesses mesmo espírito, e todos conjuntamente desenvolverem sua comunidade. É a conscientização. É o partir de um indivíduo cômodo, conformista, e chegar a um ser humano, autêntico, participante com suas idéias, espírito crítico e ação.

**Equipe de Saúde do MOVE — OPERAÇÃO ITARIRI**

A Equipe de Saúde do MOVE tem por função desenvolver nos indivíduos o real significado de SAÚDE. Para nós a técnica médica não é a finalidade, mas sim o meio através do qual fazemos com que o indivíduo se complete humanamente, ao perceber a necessidade de ter para si e para seus semelhantes

um bom estar físico, psicológico e social.

O planejamento para o trabalho da Equipe de Saúde, em Itariri consta de 2 etapas: uma de campanha (já realizada), e outra de extensão. Na campanha que se realizou em Fevereiro, foram desenvolvidos 3 aspectos: educação sanitária, medicina preventiva e assistência médica.

A educação sanitária foi feita durante o trabalho de vacinação, de casa em casa, e no Posto de Saúde, através de discussões de problemas sanitários. Além disso foram exibidos filmes da Secretaria da Saúde, após o que os mesmos eram debatidos. Na parte de Medicina Preventiva foram desenvolvidas 3 campanhas de vacinação: contra a Febre Tifoide, contra a Variola e contra a Tuberculose. Desenvolveu-se também, devido aos aspectos específicos do local, um inquerito de Tuberculose com PPD (reação intradérmica).

É importante ressaltar que foi uma campanha de âmbito rural, abrangendo de 70 a 80 % da população. A vacinação contra a febre tifoide foi realizada de casa em casa numa região de 120 km<sup>2</sup> com aproximadamente 5 habitantes por km<sup>2</sup>.

Na parte de extensão foi realizada durante a Semana Santa uma campanha de vacinação anti-tetânica e cadastramento torácico não só de Itariri como de Pedro de Toledo (cidade vizinha).

# UM DIA... TALVEZ

GEORGINO

Um mundo de curiosidade se apresentava às míseras vidas de Viçosa do Ceará com a nossa presença. Éramos material raro por aquelas bandas. Representávamos indivíduos vindos de um outro planeta, de um mundo engraçado, onde existem consultórios médicos (com frequência modulado), transações comerciais, bolsas de valores, financiamentos, lincençiamos, hobbies, manicures, hot-dog e coisa parecida. Éramos habitantes do planeta São Paulo, com centenas de anos a rente de Viçosa. Constituíamos os tais seres que acham feio usar sapato marron com terno azul-marinho. Gente engraçada éramos nós.

Uma meninazinha de uns dez anos, ao lhe perguntar: se ia a escola, respondeu-me curiosa e tímida: "Que é isso?" Estava sentada à porta de uma casa de pau-a-pique. Aliás, com pouquíssimas exceções, todas as habitações eram assim. Pareceu-nos que 99% de populações necessitava de cuidados médicos. Não sabem então, o que é escola? E pra que? Se soubessem, viveriam angustiados, revoltados, inferiorizados, ansiosos. Rapazes de ótimo aspecto, "de boa raça", como diria um burguês, carregavam maciça de um lado para outro e, talvez, depois do outro para o primeiro. Eram jovens que nada pretendiam; não sabiam o que queriam. (Não sabem o que é escola). Esperavam provavelmente a chegada da doença... sabiam como era a vida (a vida). As meninas, aos seis anos, já carregavam lata d'água na cabeça. A medicina que cresciam, cresciam as latas. É só o que fazem. Não há casa para cuidar, nem roupa pra passar, não há orgulho para alimentar, nem vaidade. Os beiles são para banhar. Não diga que são po-

bres. O dinheiro de pouco adianta por lá. Não há onde gastar, nem o que comprar. O dinheiro só valeria para saírem de lá, mas não pensam nisso. Só fazem uma idéia do seja o progresso.

Árvores enfeitam a cidade. Não de manga e jaca. Há muita banana e laranja também. O clima é o de São Paulo, sendo uma altitude de 800m, no alto de uma serra florestal, agradável, entupida de raposas e Phlebotomus. Não sei quem constituiu, nem sei quando, uma enorme escadaria para o alto de uma aldeia, onde Cristo Rei, algo semelhante ao Receptor dos cariocas, era motivo de orgulho para alguns habitantes. Fora isso, o resto é árvore, mata, casas de pau-a-pique e, no máximo, umas com casas de alvenaria. Tudo para trinta mil habitantes. Leishmoniose e Chagas são costumes da região. Barbeiro e Phlebotomus são as mósas.

Uma melancolia extrema dominava os lares. Em cada porta ceenhava-se o mesmo quadro: crianças maltrapilhas encostadas à saia da mãe ou à calça do pai, alguns adultos olhando curiosos, todos interrogativos para nós, como se inúmeras vezes tivessem procurado através da porta por muitos anos, o surgimento de alguma esperança para suas vidas desgraçadas, abandonadas, despidas de qualquer conforto, sérias de toda a sorte de privações, moléstias, promiscuidades. Olhavam-nos apenas e nelas percebíamos uma suplica, em todos iguais, em comum acórdio.

Nosso trabalho foi a colheita de sangue para investigar a incidência de doenças. Curiosidade nossa. Paulistas curiosos. Talvez alguém se interesse em fazer do nosso trabalho uma base para combater as endemias

de lá. Embora tivessem medo exagerado em perder sangue, que, para eles, era pouco, permitiram que colhêssemos amostras sem o menor sinal de protesto. Havíamos feito uma pequena chantagem, sem realmente o pretendermos — médico por lá é coisa rara; todos querem pelo menos chegar perto e para isso, deveriam doar sangue. Uma palavra, um conselho, uma droga que lhes dessemos, qualquer coisa já era alguma coisa. Éramos um grupo de ex-segundanatas, acompanhados por um médico que ficou por horas e atendendo aquele mundo de gente. E como tinham queixas! doenças estavam acumuladas, às vezes por anos, a espera de uma oportunidade como aquela. Daí pudemos perceber que 99% da cidade era doente. Pelas ruas, normalmente, caminham pessoas com blastomicose em adiantado grau de evolução, já sem fala. Enfim, não era uma cidade, era um hospital sem médico.

Terminada nossa missão, ar-dávamos seguidos por uma fila de queixosos, desesperados, imaginando quanto mais teriam que esperar se não resolvessem então suas doenças, ou de seus filhos.

Elos também imaginávamos, um tanto melancólicos, quanto tempo mais teríamos que fechar os olhos a tudo aquilo, a fim de convencer nossa consciência a se conformar.

Um cheiro de miséria ficava para trás. Descíamos a serra, já era noite, e os faróis iluminavam, às vezes, uma raposa cortando a estrada, desafiando-nos com suas cargas de leishmanias.

(Baseado em nossa viagem ao Ceará na VI BANDEIRA CIENTÍFICA, onde se fez um levantamento de Toxoplasmose e Molestia de Chagas em 1.965).

# 50 ANOS DE CIRCULAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL REVISTA DE MEDICINA

EDITADA PELOS DEPARTAMENTOS CIENTÍFICOS DOS  
CENTROS ACADÊMICOS "OSWALDO CRUZ" (FMUSP)  
"ROCHA LIMA" E (FMRPUSP)

ASSINATURA ANUAL	Cr\$ 5.000
NÚMEROS ATRASADOS ..	Cr\$ 1.500
NÚMEROS ESPECIAIS:	
HEMATOLOGIA	Cr\$ 1.800
LEUCEMIAS E LINFOMAS	Cr\$ 2.500

AV. DR. ARNALDO N.º 455 - C.P. 2921 - TEL.: 8-5773 S. PAULO

PEÇA CATALOGOS DOS NÚMEROS  
ESPECIAIS JÁ PUBLICADOS;

# ATLÉTICA

## III MED-ITA

A MED-ITA completa em 1966 o seu 3.º ano de existência. Nas duas primeiras disputas vencemos a segunda, em São Paulo e perdemos a primeira em São José.

A III MED-ITA já tem seu calendário pronto, que será o seguinte:

Dia 22/4 (sexta-feira) — 20 horas — Xadrez e Judô;  
Dia 23/4 (sábado) — 13 horas — Tênis de Mesa; 15 horas — Natação; 17 horas — Basquete; 20 horas — Volei e Futebol de Salão.

Dia 24/4 (domingo) — 9 horas — Atletismo e Beisebol; 15 horas — Futebol de Campo.

Estuda-se, no momento, a possibilidade de incluirmos nesta competição as modalidades de Tênis e Polo Aquático, as quais terão, caso o forem, incluídos horários a serem indicados posteriormente.

O transporte e acomodação em São José serão gratuitos; esperamos a colaboração de todos para que possamos fazer frente à equipe do ITA.

O Inter-Classes-66 já terminou e portanto todos

estão em condições de recomeçar os treinos para a equipe da MED.

Lembrem-se que só participarão das competições aqueles que tiverem treinado. Os horários dos treinos poderão ser obtidos com os diretores das modalidades, cuja relação segue:

Atletismo — Murilo e Leo.

Basquete — Luccas e CAOC.

Beisebol — Taki e Kiti. Feminino — Isis.

Futebol de Campo — Nacional e Miguel.

Futebol de Salão — Masamiki e Guerra.

Judô — Terahata e Tiba.

Natação — Samuel e Luiz Sérgio.

Polo Aquático — Peter e Yoran.

Remo — Pereira e Juscelino.

Xadrez — Samuel e Ulisses.

Tênis — Luis Carlos e Vicente.

Tenis de Mesa — Larmardo e Silvio.

Volei — Plinio e Mignone.

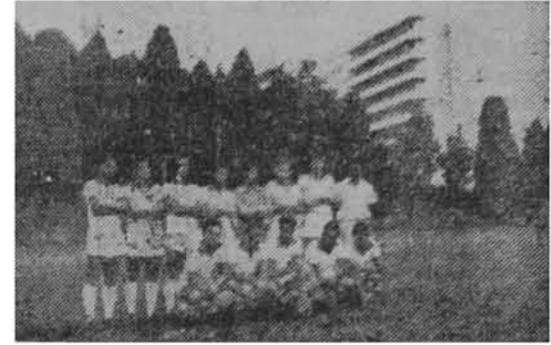
# INTER - CLASSES 66

Despertar o interesse pelo esporte universitário, preparação dos atletas para competições da Escola e ambientação dos primeiroanistas no meio esportivo são as finalidades por estatutos para essa competição que em 1966, chegou ao fim no dia 29 de março passado.

Esse ano o horário foi elaborado pela Diretoria de maneira a satisfazer às conveniências das classes, das modalidades e do calendário da Atlética evitando-se com isso prolongamento do torneio devido aos adiamentos. Felizmente essa medida foi benéfica pois a sucessão de jogos funcionou como um treino contínuo dos atletas, à semelhança do que é feito na preparação das Equipes da Escola, que em Março foi substituída pelo Inter-Classes.

A quantidade e a qualidade dos esportistas do primeiro ano muito nos satisfaz e nos deixou esperançosos em reeditar as vitórias de 1965, pois em 80% das modalidades novos atletas de extrema utilidade estarão envergando a camisa da MED a partir de meados de Abril, quando serão iniciados os campeonatos da FUPE.

No inter-classes interessa à Atlética, não apurar as séries campeãs das várias modalidades, nem a série ven-



cedora no campeonato geral, mas sim o comportamento técnico, físico, disciplinar e o entrosamento de todos os atletas, simulando condições que serão encontradas nas competições da Escola.

Terminando o Inter-Classes toda rivalidade deve ser esquecida, tudo deve ser compreensão, união e esportividade, pois necessitaremos dessa conjugação de esforços para manter a gloriosa tradição de nossa Faculdade.

### RESULTADOS

<b>Atletismo:</b>	Campeão .. . . . 6.º ano	<b>Fut. de Salão:</b>	Campeão .. . . . 3.º ano
	Vice .. . . . 1.º ano	<b>Natação:</b>	Campeão .. . . . 4.º ano
<b>Beisebol:</b>	Campeão .. . . . 4.º ano		Vice .. . . . 2.º ano
	Vice .. . . . 3.º ano	<b>Polo-aquático:</b>	Campeão .. . . . 4.º ano
<b>Bola ao Cesto:</b>	Campeão .. . . . 3.º ano		Vice .. . . . 2.º ano
	Vice .. . . . 4.º ano	<b>Tênis de Mesa:</b>	Campeão .. . . . 6.º ano
<b>Futebol:</b>	Campeão .. . . . 3.º ano		Vice .. . . . 4.º ano
		<b>Voleibol:</b>	Campeão .. . . . 4.º ano
			Vice .. . . . 2.º ano
		<b>Xadrez:</b>	Campeão .. . . . 4.º ano
			Vice .. . . . 3.º ano
		<b>Judô:</b>	Campeão .. . . . 4.º ano
			Vice .. . . . 3.º ano
		<b>Contagem final: — Campeão:</b>	4.º ano; vice, 3.º ano;
		<b>3.º colocado:</b>	2.º ano; 4.º colocado: 1.º ano; 5.º colocado: 5.º ano; 6.º colocado: 6.º ano.

# TROFEU CAVEIRA

Este é o prêmio que a Associação Atlética Acadêmica "Oswaldo Cruz" confere anualmente ao atleta que mais se destacou no esporte, sendo levado em conta a dedicação aos treinos, técnica e colaboração. Também é outorgado ao doutorando que mais se destacou no desporto, da Faculdade, durante os 6 anos de sua vida universitária.

A finalidade deste troféu é, além de dar estímulo aos colegas esportistas, também um reconhecimento da AAAOC pelo esforço e dedicação que o premiado deu para o engrandecimento e maior elevação do nome de nossa Faculdade no âmbito esportivo paulista e brasileiro.

A solenidade de entrega de troféus foi realizada no dia 29 de março, no teatro da FMUSP, à qual compareceram a diretoria da AAAOC de 1965, o prof. dr. João Alves Meira, digníssimo diretor da FMUSP

o representante da São Paulo Light S/A, José P. Smith Nóbrega, presidente da FUPE e grande número de alunos, que prestigiaram esta solenidade. Neste dia foram entregues:

1. Troféu Caveira, ao melhor doutorando esportista — Ossamu Butugan;

2. Troféu Caveira, ao melhor esportista — Samuel Hayashi;

3. Troféu ao melhor diretor de modalidade — Tado Otsuka;

4. Medalhas de Campeão da FUPE de futebol em 1965;

5. Medalhas de Campeão da FUPS de futebol de salão em 1965;

6. Medalhas de vice-campeão da FUPE de remo;

7. Diplomas aos melhores em cada modalidade: Atletismo — Eurípides M. Moura e Norberto Damus; Xadrez — Alvaro F. Machado F.; Futebol — Cyro Tonami; Futebol de Salão — Dirceu de Andra-

de; Natação — João Rad-

vany; Polo Aquático — Nelson Margarido; Tênis — Luiz Carlos P. Guimarães; Tênis de Mesa — Hatiro Hato; Beisebol — Raita Simizu; Voleibol — João Gilberto Carazzato;

Bola ao Cesto — Alexandre Carlos Kiss; Judô — Içami Tiba; Remo — Bonno Van Bellen Wolfgang G. W. Zorn;

8. Foi feita homenagem aos colegas: Dirceu de Andrade — Campeão Brasileiro Universitário de Futebol de Salão; Içami Tiba e Yoshio Ankaru — Campeões Brasileiros Universitários de Judô;

9. Foram dados diplomas aos diretores de modalidades, aos técnicos e colaboradores durante o ano de 1965;

10. Encerrando a solenidade foram projetados os filmes da III Pauli-Med, I Med-Med e XXXI Mac-Med, que foram brilhantemente vencidos por nossos atletas.

## CALENDARIO DA FUPE

- 16.4 -- Torneio Estimulo de Atletismo
- 16.4 -- CUP de Futebol de Campo
- 16.4 -- CUP de Bola ao Cesto
- 22 a 24.4 -- III MED-ITA
- 24.4 -- Torneio Estimulo de Natação
- 4.5 -- CUP de Xadrez Individual
- 6.7.8.5 -- Torneio classificação CUP de Beisebol
- 7.5 -- CUP de Natação
- 10.5 -- CUP de Futebol de Salão
- 21.5 -- CUP de Esgrima
- 21 a 28.5 -- PAULI-MED
- 4.5.6 -- CUP de Atletismo
- 7.8.9.6 -- CUP de Tenis
- 11.6 -- CUP de Tenis de Mesa
- 6.8 -- CUP de Volei Feminino
- 10.8 -- CUP de Volei Masculino
- 21.8 -- CUP de Tiro ao Alvo
- 24.8 -- CUP de Xadrez por equipe
- 27.28.8 -- CUP de Judô
- 3.9 -- CUP de Handebol
- 10.17.25.9 -- CUP de Beisebol
- 18.9 -- CUP de Hipismo
- 8 a 16.10 -- MAC-MED
- 22.10 -- Final de Volei Feminino
- 22.10 -- Atletismo -- revezamento
- 23.10 -- CUP de Remo
- 24.10 -- Final de Hancebol
- 25.10 -- Final de Futebol de Salão
- 26.10 -- Final de Volei Masculino
- 27.10 -- Final de Polo Aquático
- 28.10 -- Final de Bola ao Cesto
- 29.10 -- Final de Futebol de Campo
- 19.11 -- III S. Silvestre Universitária

# "OS INIMIGOS" COMO TEATRO EPICO

Vendo apresentar uma contribuição para o entendimento dos elementos épicos mobilizados na peça "OS INIMIGOS", ora em cena no TBC, transcrevemos abaixo o seguinte trecho do livro "O Teatro Épico" de autoria do Professor Anatol Rosenfeld:

"Duas são as razões principais da sua (de Brecht) oposição ao teatro Aristotélico: primeiro, o desejo de não apresentar apenas relações inter-humanas individuais — objetivo essencial do drama rigoroso e da peça "bem feita", — mas também as determinantes sociais destas relações. Segundo a concepção marxista, o ser humano deve ser concebido como o conjunto de todas as relações sociais e diante disso a forma épica é segundo Brecht a única capaz de apresentar aqueles processos que constituem para o dramaturgo a matéria para uma ampla concepção do mundo. O homem concreto só pode ser compreendido à base dos processos dentro e através dos quais existe. E esses particularmente no mundo atual, não se deixam meter nas formas clássicas. "Ao petróleo repugnam os cinco atos". "Pode-se falar sobre dinheiro em Alexandrinos?" (Brecht, escritos acerca do teatro). Até agora os fatores impositivos não se manifestaram como elementos autônomos no teatro. O ambiente e os processos sociais foram vistos como se pode ver a tempestade, quando numa superfície de água os navios içam as velas notando-se então como se inclinam. Para se mostrar a própria tempestade, é indispensável dissolver a estrutura rigorosa, encadeamento causal da ação linear, integrando-a num contexto maior e relativizando-lhe a posição absoluta em função da tempestade. O peso das coisas arcaicas, não podendo ser reduzido ao diálogo, exige um paleo que comece a narrar.

A segunda razão liga-se ao intuito didático do teatro Brechtiano, à intenção de apresentar um "palco científico" capaz de esclarecer o público sobre a sociedade e a necessidade de transformá-la: capaz ao mesmo tempo de ativar o público, de nele suscitar a ação transformadora. O fim didático exige que seja eliminada a ilusão, o impacto mágico do teatro burguês. Esse extase, essa intensa identificação emocional que leva ao público a esquecer-se de tudo,



afigura-se Brecht como uma das consequências principais da teoria da catarse, da purgação e descarga das emoções através das próprias emoções suscitadas. O público assim purificado sai do teatro satisfeito, convenientemente conformado, passivo, emcampado do sentido da ideologia burguesa e incapaz de uma ideia rebelde. Todavia, "o teatro Épico não combate as emoções" (isso é um dos erros mais crassos acerca dele). "Examinadas e não se satisfaz com a sua mera produção" O que pretende é elevar a emoção ao raciocínio.

"A peça deve, portanto, caracterizar determinada situação na sua relatividade histórica, para demonstrar a sua condição passageira. A nossa própria situação, época e sociedade devem ser apresentadas como se estivessem distanciadas de nós pelo tempo histórico ou pelo espaço geográfico. Desta forma o público reconhecerá que as próprias condições sociais são apenas relativas, como tais, fugazes e não "enviadas por Deus". Isso é o injeção da crítica. Para empreender é preciso compreender. Vendo as coisas sempre tal como elas são, elas se tornam corriqueiras habituais e por isso, incompreensíveis. Estando identificados

com elas pela rotina não as vemos com o olhar épico da distância, vivemos mergulhados nesta situação petrificada e ficamos petrificados com ela. Alienamo-nos da nossa própria força crítica e plenitude humana ao nos abandonarmos, inertes, à situação habitual que nos afigura eterna. É preciso um novo movimento alienador — através do distanciamento — para que nós mesmos e a nossa situação se tornem objetos do nosso juízo crítico e para que desta forma, possamos reencontrar e reencontrar na posse das nossas virtualidades criativas e transformadoras.

A teoria do distanciamento é, em si mesma, dialética. O tornar estranho, o anular da familiaridade da nossa situação habitual, ponto de ela ficar estranha a nós mesmos, torna em nível mais elevado esta nossa situação mais conhecida e mais familiar. O distanciamento passa então a ser negação da negação; leva através do choque do não conhecer ao choque de conhecer. Trata-se de um acúmulo de incompreensibilidade até que surja a compreensão. Tornar estranho é, portanto, ao mesmo tempo tornar conhecido. A função do distanciamento é a de se anular a si mesma".

## FILMES E DOCUMENTARIOS

O grupo de Cinema do Departamento Cultural e Departamento de Cinema do CAOC está programando para fins de abril a exibição de uma série de filmes dirigidos pelos grandes mestres da Sétima Arte: Bergman, Visconti, Kurosawa, Godard, Chabrol, Wajda, Buñuel e outros.

Aguardem para breve a exibição dos internacionais

mente premiados documentários produzidos por Thomas Farkas: "Memórias do Cangaço" Viramundo", "Subterrâneos do Futebol". É uma oportunidade que não se deve perder, pelo alto nível técnico e artístico alcançado e pelo importante significado destes curta-metragens no processo por que passa o moderno cinema brasileiro.

## CRÍTICA DE CINEMA: MATRAGA

MAURICE CAPOVILLA

A "Hora e a Vez de Augusto Matraga" é o filme mais importante da atual produção brasileira. Ele prova definitivamente que, a um custo de média produção, é possível realizar um bom espetáculo cinematográfico, com alto nível de música, interpretação, fotografia, argumento e direção. Matraga está na linha de "Vidas Secas" e "Deus e o Diabo na Terra do Sol", mas contém um elemento a mais: a comunicação popular.

Roberto Santos, o diretor do filme, conseguiu, com êxito, unificar 3 elementos visando emocionar o público: os diálogos, a interpretação e a música. Procurou dar às falas a síntese necessária para transmitir a informação sem tirar a autenticidade regional. Cada personagem está caracterizado a partir do que diz e como diz.

Maria Ribeiro, no papel de Dionora, mulher de Matraga, transmite uma tristeza conformada, indicando claramente que vive mal com o marido.

Jofre Soares é o Joãozinho Bem-Bem, personagem mitológico dos sertões de Minas. Ele tem a voz e o gesto adequados para impor uma personagem difícil e consegue uma boa interpretação.

A personagem mais popular do filme, entretanto, é Quim Recadeiro, interpretado por Flávio Migliacio. Quim é o mensageiro de Matraga, um ser covarde e serviçal que termina como herói, para vingar o patrão.

Leonardo Villar, constrói um tipo de grande humanidade, que vive seu drama na frente do público, sem pudor. Ele não es-

conde suas contradições e, por isso mesmo, quase acreditamos que é um homem de carne e osso, se não estivesse se movendo na tela do Cinema.

A música de Geraldo Vandré é composta de cantos rudes, guturais. É de um estilo descritivo que sublinha a situação dramática do personagem. É quase o grito que está no fundo de Augusto Matraga, um comentário de sua dor.

Para contar a estória de Matraga, o diretor usa efeitos de linguagem que funcionam como comentários. A câmera e fotografia de Hélio Silva cumprem uma função psicológica determinada. O recurso da tele-objetiva que avança e recua com dinâmica rapidez, sem mudar de ângulo, não significa um efeito gratuito, mas uma busca para encontrar, em cada movimento, gesto ou fala de Matraga, um dado a mais de informação para o espectador. A câmara não faz uma descrição, mas uma observação crítica.

O diretor, em muitos momentos, comenta uma passagem. Assim, quando Matraga, montado num burrinho, abre os braços, Roberto Santos sugere, através da música e da enquadração, a idéia de santidade de Matraga. Recusa logo a sugestão e o burro volta a pular, e Matraga cai no chão.

Pode-se dizer que a "Hora e a Vez de Augusto Matraga" é um filme de autor, de um grande autor, realizado com uma excepcional equipe de técnicos e atores, como nunca o Cinema Brasileiro conseguiu reunir.



Ao contrário do personagem de Guimarães Rosa, o Matraga de Roberto Santos morre anônimo

# SEM LIBERDADE NÃO HÁ CULTURA

ENFIM UMA REALIDADE:

# TEATRO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O teatro brasileiro moderno deve aos estudantes dois tipos de contribuições fundamentais para o seu desenvolvimento: o mais fiel e consciente espectador e o ponto de partida para experiências renovadoras, através do teatro universitário. Analisemos em separado essas contribuições, embora, de fato, se processem naturalmente de forma simultânea.

Permanecendo a cultura em nosso País, um privilégio da classe burguesa, como tôdas as artes, o teatro que fizemos nestes últimos vinte anos a ela tem sido dirigido — por dependerem as companhias profissionais do esquema de sustentação financeira tradicional do regime empresarial em que vivemos, dentro da estrutura capi-

talista. Assim, dependendo da venda de ingressos proporcionalmente inflacionada de acordo com o custo geral de vida, só têm acesso às casas de espetáculos, as minorias culturais e financeiramente privilegiadas. Dentro delas, formando parte quase preponderante, o universitário. Alguns teatros, nos últimos anos, têm sobrevivido graças a sistemas de sustentação garantidos pela frequência elevada dos estudantes em seus espetáculos, aos quais são cobrados preços reduzidos. Em contrapartida, passaram as companhias a apresentar espetáculos mais ao gosto deste tipo de espectador, notadamente os musicais com conteúdos social de crítica ao regime em que vivemos. Nessa linha, vêm

produzindo e obtendo êxitos financeiros, as montagens recentes dos teatros de Arena de S. Paulo e do Rio, e as do Oficina. Embora ainda se esteja longe de saturar o potencial estudantil a ganhar nesse sistema, permanece o nosso teatro restrito à classe burguesa. O que significa dizer: está havendo um progresso quantitativo em seu crescimento em termos de espectadores, porém, nada de qualitativamente novo, ocorreu. As classes proletárias continuam sem acesso à Cultura, inclusive àquela veiculada pelo Teatro.

Esfôrços irregulares e inconstantes têm sido feitos por órgãos oficiais de estímulo ao teatro, para superar esta discriminação. As verbas destinadas à popularização, porém, ou

são insuficientes para tal empreendimento, ou as companhias as utilizam apenas para compensar déficits, ou ainda, os órgãos oficiais não se interessam pelo problema. Preferem às vezes, deixar a situação inalterada. A única exceção, na realidade, é a atual Comissão Estadual de Teatro de São Paulo, que, a nosso ver, encontrou a solução ideal para a popularização efetiva do teatro.

É curioso verificar que os saltos qualitativos a que nos referimos, só podem ser dados pelo próprio estudante, quando ele deixa a platéia e passa para o palco. Esse fato é documentado nos últimos 20 anos de História de nosso teatro. A grande renovação ocorrida em nosso teatro de repertório deveu-se ao Teatro do Estudante do Brasil, criado e liderado por Paschoal Carlos Magno, cuja montagem de "Hamlet" — com Sérgio Cardoso —

antecedeu o surgimento de "Os Comediantes" e, em seguida, ao Teatro Brasileiro de Comédia, de São Paulo e mais a Escola de Arte Dramática. Os estudantes, enfim, abriram os novos caminhos que o teatro brasileiro vem seguindo até hoje.

Considero o êxito do TUCA uma vitória dos universitários brasileiros na sua luta de afirmação e de oposição ao terrorismo cultural a que estão sendo submetidos. Basta lembrar que, enquanto montavam "Morte e Vida Severina", enfrentavam virilmente a Lei Suplicy. Assim, quando vejo a cada espetáculo, o público de pé, ovacionando a juventude de São Paulo, sinto claramente a total extensão e o significado dessa consagração. E eles também. Porque o palco é um símbolo e o teatro uma síntese. Do que está acontecendo e do que eles farão acontecer. No teatro e na sociedade brasileira.

## TEATRO UNIVERSITARIO

Roberto Freire

Durante este mês tornar-se-á realidade uma idéia existente há tempo dentro da USP: o Teatro da Universidade de São Paulo, que será constituído pelos estudantes das várias Faculdades, sob o patrocínio da Comissão Estadual de Teatro.

Já aderiram definitivamente ao TUSP, até agora, as seguintes Faculdades: Medicina, Filosofia, Politécnica, Arquitetura e Urbanismo, Direito e Economia, enquanto que outras estão em vias de fazê-lo. As atividades do TUSP serão iniciadas ainda em abril com um curso teórico-prático sobre teatro a ser ministrado pelo professor Alberto D'Aversa. Este curso será aberto a todos os alunos da USP.

Dois obstáculos bastante relacionados entre si impediram que tal idéia se tivesse concretizado antes. O primeiro destes obstáculos estava vinculado a um sentimento de bairrismo romântico existente dentro da Universidade, o bairrismo esse que determinava o isolamento dos grupos teatrais então exis-

tentes. O segundo obstáculo que surgia, em grande parte em razão do primeiro, era o argumento de que o ideal de um TUSP era impraticável, tanto em virtude do referido bairrismo, como de necessidades financeiras, de organização, etc.

Decisiva foi, dentro desse impasse, a brilhante experiência do TUCA, que veio provar que é possível a formação de um teatro universitário que alcance um bom nível artístico e que se transforme em um real promotor da cultura teatral no meio estudantil e em eficiente instrumento na luta que se observa na atualidade brasileira.

Despertados por esse sucesso, os vários Departamentos Culturais das Faculdades da USP perceberam enfim que de pouco adianta ficarem os respectivos grupos de teatro fechados em si mesmos, obtendo assim efeitos muito menores do que poderiam obter se se unissem. Percebeu-se, finalmente, que o teatro era um poderoso núcleo ao redor do qual poder-se-iam unir os estudantes, união essa que ho-

je mais do que nunca, se faz necessária, para que possamos ter maiores possibilidades de triunfo na luta que travamos dentro do Movimento Universitário.

O teatro é uma forma artística dotada de alto poder de expressão de idéias e de comunicação com o público, o que lhe confere inequívoca responsabilidade social e humana.

De fato, concebendo o teatro "não como o espelho de uma época, mas como um meio de transformar essa época" (Erwin Piscator, Teatro Político), resulta clara a importância de que o teatro se pode revestir em um determinado momento histórico para a vida de um povo que procura conquistar sua liberdade.

Portanto, vê-se que a primeira e talvez a decisiva tarefa do TUSP é a de fazer com que todos os universitários sintam que aquele é o seu teatro, que esse seu teatro pode ser uma trincheira de luta e, sentindo isso, passem a lutar todos juntos no Teatro da Universidade de São Paulo.

## CICLO DE TEATRO: ÊXITO TOTAL!



Têm alcançado grande sucesso as conferências e debates que o Departamento Cultural está promovendo às quartas feiras sob o título de "Iniciação ao Teatro". O comparecimento maciço de colegas da nossa e de outras Faculdades é um atestado do interesse crescente que o teatro vem despertando no meio universitário.

As próximas palestras, sempre às 20,30 horas no Teatro da Faculdade, versarão sobre "Lope de Vega e Calderon", "Teatro Clássico Francês", "Teatro Romântico", "Teatro Realista e Naturalismo", "Do Simbolismo ao Expressionismo", "Teatro Epico", "Teatro do Absurdo", "Teatro Brasileiro", "O Ator" "O Encenador"

# PARTICIPE DO TUSP!

# ESTUDANTES NAS RUAS CONTRA A OPRESSÃO

Exatamente às 18,30 horas do dia 18 de Março, estudantes de todas as Faculdades de São Paulo deram por iniciada a manifestação pública promovida pela UNE, UEE, DCEs e Centros Acadêmicos em solidariedade aos colegas de Belo Horizonte e em defesa da Liberdade e dos direitos fundamentais do Homem.

Inicialmente colegas dirigentes de entidades estudantis usaram da palavra, fazendo ver aos presentes a importância daquele ato, que comprovava a vitalidade e a união do movimento universitário. Debaixo de aplausos, o colega Altino Dantas, vice-presidente da UNE, deu por iniciada a passeata.

Em colunas compactas, os 4000 estudantes deixaram o Largo São Francisco e se dirigiram às ruas vizinhas clamando a uma só voz: "Estamos com os colegas mineiros", Liberdade", "Abaixo a Ditadura",

"O povo quer votar". Felizmente, tudo transcorreu na mais absoluta calma, lamentando-se apenas o gesto inqualificável de pequeno grupo de elementos da Faculdade de Direito que procuraram perturbar a manifestação jogando bombas e agregando colegas.

As provocações não surtiram efeito: a passeata prosseguiu, aplaudida pelos populares que, em grande número, a presenciavam, enquanto de cima dos edifícios outros a saudavam com chuva de papéis picados.

Após a volta ao Largo São Francisco usaram da palavra vários colegas, entre os quais o vice-presidente da UNE, o representante da UEE de Minas Gerais e presidentes de Centros Acadêmicos. A tônica de todos os discursos foi o repúdio dos universitários à ditadura, da qual a repressão policial

em Minas foi apenas um exemplo.

## Outras manifestações

Além de São Paulo, também na Guanabara, em Curitiba e na Paraíba foram realizados atos de protesto contra a opressão. Na Guanabara 3000 estudantes enfrentaram corajosamente, e com sucesso, o aparato militar montado para impedir que pudessem falar.

Transcrevemos a seguir o Editorial da "Folha da Semana" intitulado "A Lição dos Estudantes":

"Os estudantes brasileiros voltam às ruas. Enfrentando as bombas de gás e os cassetetes da Polícia, reafirmam o idealismo e a generosidade que sempre caracterizaram a juventude universitária. E, nesta hora, em que se procura anestésias à Nação, para consumir todos os crimes contra a sua soberania e suas tradições liberais, o povo acolhe com entusiasmo essas manifestações que vêm, asse-

gurar que a Nação está viva, e não se rende.

Os mesmos homens que hoje se apossaram do poder, procuraram denegrir a atuação dos estudantes na vida nacional, tentando apontá-los ao povo como meros baderneiros, agitadores ou ingênuos instrumentos de mãos maliciosas. Mas tais acusações jamais poderão encobrir o verdadeiro sentido da luta dos estudantes, que não é de hoje, mas que está ligada aos momentos decisivos da vida brasileira. Como esquecer o papel que eles desempenharam na luta pela Independência, pela Abolição, pela República? Como esquecer a sua contribuição para unir o povo na luta contra os nazi-fascistas? Como negar que foram os estudantes um dos principais lutadores pela criação da Petrobrás e por inúmeras outras conquistas do desenvolvimento autônomo da economia brasileira?

Os estudantes que hoje saem à rua continuam uma tradição. Abertos ao sentimento de justiça social, à renovação e à solidariedade, estão sempre prontos a encabeçar os grandes movimentos nacionais, seja em defesa da soberania da Nação, seja em favor das reformas estruturais, seja pela restauração da democracia e do direito. E nisso, eles estudantes, com a força de seu desprendimento e de sua esperança, ensinam.

Com as manifestações realizadas, ultimamente, em várias capitais brasileiras, universitários reafirmam o seu papel na vida nacional. E a solidariedade que recebem do povo, que os saúda das anelas e das calçadas, demonstra que mais uma vez eles interpretam os sentimentos da Nação sufocada por um Governo que ninguém escolheu, e que retirou ao povo todos os seus direitos.



# LIBERDADE!